

Os anos dourados

Juscelino Kubitschek elegeu-se presidente prometendo mudar o país, modernizá-lo, desenvolvê-lo num curto espaço de tempo – 5 anos. Como seria possível num momento de grave crise, provocada pelo suicídio de Getúlio Vargas, resgatar o otimismo e a esperança e governar dentro da legalidade?

Nesta aula teremos uma noção da situação internacional naquele momento; de como JK tornou possível o seu projeto desenvolvimentista e de como a sociedade reagiu a todas essas mudanças.

Nesta aula

A década de 1950 e a *bipolarização* do mundo

No decorrer da década de 1950, o Brasil sofreu influência de um processo de divisão do mundo em duas áreas de influência. É a chamada **bipolarização**.

Conseqüência da **Guerra Fria**, que correspondia ao conflito ideológico entre os Estados Unidos e a União Soviética, a bipolarização dividiu os países em dois “mundos”: o capitalista e o socialista.



Nesta caricatura, os soviéticos encaram seus inimigos na Guerra Fria como generais nazistas.

O mundo capitalista era composto pelas chamadas **democracias liberais**. A liderança norte-americana em termos político-militar e econômico tornava-se inquestionável. A integração do Brasil a esse contexto ocorreu durante o governo do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), quando o país rompeu relações diplomáticas com a União Soviética e o Partido Comunista Brasileiro foi colocado na ilegalidade.

Já o mundo socialista, sob liderança (também inquestionável) da União Soviética, era integrado pelas chamadas **democracias populares**.

Na Europa Oriental, ficaram sob influência soviética a Polônia, a Bulgária, a Romênia, a Checoslováquia, a Hungria, a República Democrática Alemã e a Albânia; na Ásia, a República Popular da China, a Coreia do Norte e o Vietnã do Norte; na América Central, Cuba.

Em termos econômicos, essa bipolarização produziu outro tipo de divisão: os países ricos, desenvolvidos ou do Primeiro Mundo, e os países pobres, subdesenvolvidos, ou do Terceiro Mundo. Apesar do esforço desenvolvimentista do governo JK, nosso país continuou integrado ao bloco do Terceiro Mundo.

A viabilização dos objetivos de JK

O governo JK passou para a História como um momento de estabilidade política e de grande crescimento econômico. Já vimos, na aula 29, como o modelo desenvolvimentista foi adotado e quais os problemas que ele apresentou, nos últimos anos do mandato de JK. Mas, sem dúvida alguma, ele conseguiu contaminar a população com otimismo e euforia, a partir de seu famoso lema “50 anos em 5”.

Ao assumir a Presidência, Juscelino encontrou um país ainda perturbado pelo suicídio de Getúlio Vargas (1954). A UDN e alguns setores militares foram incansáveis na oposição à posse de JK, acusando-o de receber apoio dos comunistas e identificando-o ao **getulismo**, tendência que tentavam exterminar da política nacional.

Em meio à turbulência política e social era preciso garantir um mínimo de estabilidade e de consenso que permitisse governar. Apesar das pressões do empresariado para a diminuição da interferência do Estado na economia, das greves do início do período, das crises militares e da oposição radical da UDN, a política de negociação de JK tornou possível a estabilidade.

Assim, a política econômica do governo, que se abriu para o capital externo, foi bem aceita por vários setores da sociedade brasileira.

Nessa época, os trabalhadores viram a possibilidade, que nem sempre se concretizou, de fazer parte dos consumidores dos novos produtos que invadiram o mercado brasileiro. Ao mesmo tempo, foram criados empregos por causa da expansão do parque industrial e da melhoria dos serviços urbanos.

A política desenvolvimentista também beneficiou as Forças Armadas, que contaram com aumento de recursos financeiros. Isso permitiu uma melhoria nos recursos bélicos (armamentos), assim como nos transportes e nas comunicações. Além disso, muitos oficiais das Forças Armadas ocuparam posições importantes no Poder Executivo. Aqueles envolvidos em tentativas de golpe foram anistiados e não deixaram de ser promovidos.

A esquerda, duramente perseguida nos governos anteriores, era tratada com tolerância por JK. O PCB, considerado partido ilegal desde 1947, atuava junto aos sindicatos. Muitos de seus membros participavam abertamente de manifestações e negociações.

Com relação à oposição udenista, que insistia em denunciar escândalos da administração pública e tentava impedir a aprovação dos projetos do Executivo, JK procurava manter uma posição conciliadora e pacífica.

Finalmente, para colocar em prática o Plano de Metas, as relações do Executivo com o Legislativo tinham de ser as melhores possíveis. Afinal, o Congresso tinha o controle do orçamento do país, e podia derrubar vetos presidenciais e criar as Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs).

A aliança PSD-PTB foi fundamental nessa relação, já que a maioria dos parlamentares era desses partidos e, portanto, quase sempre mostrava-se favorável aos projetos do Executivo.

Mas os órgãos criados e mobilizados pelo Executivo formaram uma “administração paralela”, o que conferiu uma grande capacidade de planejamento e independência ao Executivo em relação ao Legislativo. Esses órgãos estavam sob o controle direto da Presidência da República. O planejamento feito por técnicos desses órgãos tornou fácil a aprovação financeira no Congresso, e isso acabou reforçando os poderes do Executivo.



Plano Piloto de Brasília: seu desenho lembra um avião, com as asas norte e sul.

Brasília: “a síntese de todas as metas”

O maior símbolo do otimismo dos anos que ficaram conhecidos como “anos dourados” foi, sem dúvida, a construção de Brasília – a nova capital do Brasil, a partir de 1960.

JK dizia ter se resolvido pela criação da nova capital em um comício, quando um popular lhe perguntara: “*Já que o senhor se declara disposto a cumprir integralmente a Constituição, desejava saber se irá pôr em prática aquele dispositivo da Carta Magna que determina a transferência da capital da República para o planalto goiano.*” Juscelino respondeu que sim, e transformou Brasília em sua **meta-síntese**, fechando o programa de Metas.

Construir Brasília não significou apenas criar muitos empregos, nem provocar uma onda migratória de brasileiros, que, além de construir uma nova cidade, esperavam conseguir uma vida melhor na nova capital. Brasília transformou-se num símbolo dos “50 anos em 5”. Construí-la era prova de coragem, audácia, ousadia...

Porém, sempre existe o outro lado da moeda. Construir Brasília nos custou muito caro. Os gastos com as obras foram altos. Sua manutenção tornou-se excessivamente cara. A inflação elevada ao final do governo JK teve na construção de Brasília um dos seus principais estimuladores.

No dia 21 de abril de 1960, a cidade idealizada por JK e projetada pelos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa foi inaugurada com muita festa e euforia.

A sociedade e a cultura dos “anos dourados”

Os anos do governo JK foram de enervescência social e cultural. Um estilo moderno de vida estava invadindo as casas da classe média. Novidades, como enceradeiras, liquidificadores, panelas de pressão, vitrolas (eletrolas) de alta fidelidade e televisores logo provocaram mudanças de comportamento.

A presença da música e do cinema norte-americano influenciava nossa cultura. Nas grandes cidades, cada vez mais adotava-se o “*american way of life*”, quer dizer, o jeito americano de viver.

Os jovens “moderninhos” copiavam os maneirismos próprios de uma “junventude transviada” norte-americana: correr de lambreta, usar jaqueta de couro e topetes caídos na testa. As moças, de calça comprida, dançavam o *rock and roll* e o *twist*. Lutavam por mais liberdades, sem, contudo, romper com estilo “moça de família” e casadoira.

Coca-Cola, chicletes e cigarros tornam-se produtos de consumo, indispensáveis para essa turma que ainda não se preocupava com as calorias nem com o câncer de pulmão. Nessa época, ainda não se conheciam os malefícios do açúcar e do fumo.

As poderosas indústrias fonográficas e cinematográficas dos Estados Unidos invadiram as cidades com músicas e filmes norte-americanos, mas havia reações nacionalistas.

A música, o teatro e até mesmo o cinema brasileiro tornam-se, mais do que nunca, ativos e revolucionários.

Exemplo disso é a **bossa nova**, uma revolucionária mistura de jazz com samba e música clássica, que revelou ao mundo grandes nomes da música brasileira como Vinícius de Moraes, Tom Jobim, João Gilberto, Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli, entre outros. O novo estilo, considerado inicialmente um ritmo sofisticado demais, impôs-se pelo talento de seus compositores e intérpretes que cantavam acompanhados apenas de violão.

À esquerda,
Orfeu do
Carnaval, *filme*
que adaptou
Orfeu da
Conceição (de
Vinícius de
Moraes).
À direita,
Carlos Lyra e
Nara Leão,
no início da
bossa nova.

Imagine uma peça de teatro escrita por Vinícius de Moraes com músicas de Tom Jobim e cenários de Oscar Niemeyer: era *Orfeu da Conceição*, grande sucesso de 1956. Nesse mesmo ano, Maria Clara Machado lançou seus *Cadernos*

de Teatros que incentivavam a criação de grupos amadores. Outras peças famosas desse período foram *Eles não usam black tie* de Gianfrancesco Guanieri e *O pagador de promessa* de Dias Gomes. Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, lançou os grandes sucessos *Mão na luva* e *Rasga coração*; e Augusto Boal ganhou o primeiro prêmio Molière (de teatro), em 1963.

No cinema, como já se viu as chanchadas da Atlândida revelaram ao mundo grandes humoristas como Grande Otelo e Oscarito. Jô Soares fez sua estréia em 1959, no filme “O homem do sputinik”. Chico Anísio já fazia o povo rir pela TV, a partir de 1960.

O cinema de arte contou com grandes lançamentos de Nelson Pereira dos Santos, Roberto Santos e Ruy Guerra. Em 1962, o filme *O pagador de promessa*, do diretor Anselmo Duarte, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes.

Com os filmes de Gláuber Rocha, (*Deus e o diabo na terra do sol*, *Terra em transe* e outros) o cinema de arte passou por uma revolução de linguagem e de temas que o caracterizou como **Cinema Novo**.

A grande liberdade que reinava no país, permitiu a crítica social e incentivou a produção artística. Havia certo orgulho romântico de ser brasileiro, e um espírito de luta e otimismo.

Os estudantes ligados à União Nacional dos Estudantes – UNE fundaram o Centro Popular de Cultura – CPC, que pretendia levar cultura e conscientização política para os trabalhadores, por intermédio da arte. Apoiando os estudantes, estavam artistas e intelectuais.

Destacaram-se no cenário internacional feitos como o de Maria Ester Bueno, que venceu o campeonato de tênis de Wimbledon em 1957; a conquista da Copa do Mundo pela Seleção Brasileira de Futebol, em 1958; o título de campeão Mundial de Boxe, na categoria “peso galo”, conquistado por Eder Jofre, em 1960 e a eleição da Miss Universo Ieda Maria Vargas, em 1963.



A euforia não duraria muito. A política desenvolvimentista resolvera alguns problemas, adiara outros tantos e criara novos. Entre estes últimos estava o aumento da concentração de renda na região Sudeste e a inflação, que ameaçava escapar ao controle. Na periferia de Brasília, a miséria das cidades satélites expunha o outro lado da modernidade alcançada.

As crises, temporariamente adiadas, reapareceram já no fim do governo de JK. A aliança PSD-PTB começou a “balançar”, com o grande crescimento dos petebistas, que ameaçaram o tradicional domínio do PSD. Cresceu, também, a participação dos militares, solicitados pelos políticos civis que consideravam as manifestações populares, no campo e na cidade, como atividades que podiam destruir a ordem. A campanha eleitoral para a sucessão do presidente Kubitschek substituiu o otimismo pelo moralismo do candidato Jânio Quadros, que se mostrou como “aquele que poderia acabar com o caos no país”.

No próximo módulo, você vai ver como a esperança dos “anos dourados” virou radicalização na década de 60 e quais as alternativas que os conflitos sociais colocaram para a política e a economia brasileira.

O tempo
não pára

Exercícios

Relendo o texto

Leia mais uma vez o texto da aula, sublinhe as palavras que não entendeu e procure ver o que elas significam, no dicionário e no vocabulário da Unidade.

1. Releia **A década de 1950 e a “bipolarização” do mundo** e explique o que foi a bipolarização do mundo?
2. Releia **A viabilização dos objetivos de JK** e responda de que maneira JK agiu para alcançar seus objetivos em relação aos segmentos abaixo:
 - a) capital externo;
 - b) trabalhadores;
 - c) Congresso Nacional.
3. Releia **Brasília: “a síntese de todas as metas”** e **A sociedade e a cultura dos anos dourados** e explique por que havia certo orgulho romântico de ser brasileiro.
4. Dê um novo título a esta aula.

Refazendo a História

Funeral de um lavrador

De João Cabral de Melo Neto

*Esta cova em que estás
Com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida
É de bom tamanho
Nem largo nem fundo
É a parte que te cabe deste latifúndio
Não é cova grande
É cova medida
É a terra que querias ver dividida
É uma cova grande
Para teu pouco defunto
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
É uma cova grande
Para teu defunto parco
Porém mais que no mundo te sentirás largo
É uma cova grande
Para tua carne pouca
Mas a terra dada não se abre a boca*

Este poema, que foi musicado por Chico Buarque, mostra como a produção cultural dos anos dourados ia fundo nos problemas sociais. Qual é a grande questão colocada nesses versos?

